

M 602  
Radio 26.11.63  
e  
Rog. Pmts 25.1.64

RN 351

## O Adeus de Antônio Pedro

RUBEM BRAGA

**L**A vamos nós pela estrada, Portugal arriba, e é tempo de vindima. Lembro que em Moledo do Minho tem casa Antônio Pedro, antigo pintor, poeta, homem de teatro, um amigo. Fomos vizinhos em São Paulo há 23 anos, e com ele e Carlos Lacerda fiz uma viagem pelo litoral sul de São Paulo e me lembro que em Ribeira do Iguape ele dizia, enlevado: é Minho, isto é Minho, puro Minho — um Minho estranhamente habitado por japoneses...

Encontramo-nos. Estamos naturalmente mais velhos, e gordos, e ele tem barbas. Recebe-me com a alegria e a simplicidade de um fidalgo aldeão, e me apresenta sua simpática mulher, que eu só conhecia de um retrato antigo, de Arpad Czenes. Digo-lhe que vamos à Espanha, até Santiago de Cospostela, estaremos de volta em dois dias. «Então na volta almoçam conosco».

Assim é feito. Entramos em um barco, subimos o Minho, vamos almoçar em uma ilha entre Portugal e Espanha. É um vasto almoço português, com vinhaças, começando por uma frigideira de centola, acabando num toucinho-do-céu. Estão comigo o deputado Néelson Carneiro e sua encantadora senhora e um amigo deles, o bom sr. Viana, de Braga, que é brasileiro, isto é, viveu no Brasil. Antônio Pedro convidou três casais portugueses e uma sobrinha sua, lânguida, de Cabo Verde, já com jeito de mulatinha clara brasileira. Comemos sentados na relva, o dia é lindo neste comêço de outono, com um vento fresquinho vindo de nordeste; cochilamos à sombra das árvores... Depois fico sabendo que esta ilha, da Beoga, e mais outra menor à jusante, a dos Amôres, são dos brasileiros Almeida Braga — e eu, Braga pobre, a comer, a beber e a dormir feliz em relvas de um Braga rico!

Mas temos de partir. Quando nosso barco se afasta, Antônio Pedro fica na ilha, sob as árvores, entre duas senhoras gordas, a nos acenar. As águas do rio brilham, e a visão daquele amigo bom, que eu não via há tanto tempo e talvez não veja mais, aquele homem alto e gordo, de barbas, que lá ficou na ilha, a nos dizer adeus, essa visão me comove. Adeus! Pode ser que uma parte da emoção venha do vinho; mas uma parte, apenas.

As notas acima são de 1963. Agora, em 66, indo a São Paulo, eu soube da morte de Antônio Pedro.

DN - 27.12.66